

Do Ipiranga às margens plácidas

RICARDO PINHEIRO PENNA

De um povo heróico brado retumbante ecoou no céu da Pátria, no dia 15 de novembro, a vontade popular. Através do voto, 857 mil 20 brasilienses confirmaram, nas 11 zonas eleitorais, 347 locais de votação e 2 mil 548 seções, seu desejo de mudança nos destinos do País e guilhotinaram o que ainda restava do tradicional modelo político-partidário brasileiro.

A partir de agora, as alianças que serão formadas para a disputa do segundo turno darão início à delimitação da fronteira do novo quadro político. Ao que tudo indica, o espectro ideológico, cheio de cinzas, onde se esconde uma grande parcela dos atuais partidos e políticos, encolherá, dando passagem apenas para aqueles que declararem, com nitidez, suas intenções.

Fernando Collor de Mello já inicia, mesmo sem os resultados oficiais do TSE, baseado nas projeções feitas pela **Vox Populi** e **CAP-Software**, a estratégia para enfrentar Luiz Inácio Lula da Silva no segundo turno. Para o líder do primeiro turno existem muitas vantagens e desvantagens no confronto com Brizola ou Lula sendo praticamente impossível antecipar quem seria o adversário mais fácil no embate final.

A inflexibilidade — de linha programática — do Partido dos Trabalhadores às novas alianças e ao altíssimo nível de rejeição ideológica de alguns segmentos à candidatura PT, polarizarão a segunda disputa e poderão levar aos braços de Collor de Mello o amplo apoio dos grupos detentores de poder e in-

fluência na sociedade brasileira. O perfil conciliador de Brizola facilitará acordos e poderá minimizar a polarização da disputa.

Os acordos e alianças, feitos em gabinetes, entre partidos e políticos não têm transferência imediata para os eleitores. Aqueles que votaram em um candidato que não passou para o segundo turno não migrarão, automática e imediatamente, para A ou B em consequência de seu líder político — principalmente se o eleitor não for militante de partidos de esquerda.

Um exame da distribuição do voto em Brasília, segundo as principais zonas eleitorais, mostra algumas curiosidades a respeito da distribuição do voto. Segundo pesquisa de boca-de-urna realizada pela **Soma — Opinião e Mercado**, no último dia 15, os votos de Collor têm uma correlação inversa quase que perfeita com a renda do eleitor. Assim, no Plano Piloto, Guarã e Cruzeiro o candidato do PRN conseguiu apenas 10 por cento dos votos. Nas cidades-satélites de menor renda seus votos foram superiores a 25 por cento, chegando a 32 por cento em Ceilândia. O perfil dos votos de Lula é praticamente idêntico ao de Collor com um pouco de maior penetração nas áreas de maior renda (mas com alta concentração em jovens eleitores). A distribuição dos votos de Brizola é diretamente correlacionada com a renda. No Plano Piloto e Guarã o ex-governador teve quase 20 por cento dos votos, já nas cidades-satélites de menor renda, apenas 6 por cento.

Devido à concentração de votos junto ao eleitorado mais politizado

e de maior escolaridade, é quase certo que a migração de votos **brizolistas** para o PT seja muito mais fácil do que o inverso. Uma grande parte dos eleitores de Lula tem perfil semelhante aos de Collor podendo haver dificuldade na transferência desses votos, para o ex-governador do Rio.

A vantagem que Lula tem em relação aos votos pedetistas perde em relação a todos os demais candidatos de centro. Os eleitores de Maluf, Afif, Ulysses e até mesmo Covas migrarão com mais facilidade para Collor do que para Lula. No entanto, a rejeição a ambos, entre os eleitores de classe A, B, e parte da C, poderá promover uma enxurrada de votos nulos e brancos para dentro das urnas.

Independentemente de quem venha a acompanhar Fernando Afonso Collor de Mello na segunda etapa da viagem ao Palácio do Planalto, o exercício de aprendizado político será imenso. O meio de mais uma etapa no processo da vida política da Nação é marcante. A bordo estão, pela primeira vez, os analfabetos e os menores de 16 anos. Na direção estarão dois pilotos com estilos de dirigir rigorosamente diversos. Os políticos, partidos e eleitores deverão escolher em que lado sentarão. Desta vez não haverá muro para abrigar ninguém.

Ricardo Pinheiro Penna é,
diretor da Soma — Opinião e Mercado